

OS COMPOSITORES

26/10/1997 - FRANZ LISZT

De um ano mais novo do que Chopin e de dois anos mais velho do que Wagner, do qual acabará sendo sogro, uma longa vida, de 1811 a 1886: o itinerário é incalculável.

Nasceu húngaro por acaso, filho de um administrador alemão da família dos Stehazzy, mas não falava a língua húngara, tanto assim que quando convidado na Hungria para receber merecidas homenagens, aos discursos que lhe foram dirigidos em húngaro respondeu em alemão.

Apesar do que falava perfeitamente três línguas, o alemão, o francês e o italiano.

De fato a sua formação cultural foi tanto francesa quanto alemã, com muitas incursões na história da música e na literatura italiana.

Liszt foi sem dúvida o mais culto de todos os compositores românticos, precursor de fenômenos musicais, e soube antever em genial perspectiva.

Generoso e desprendido, foi no aspecto físico e na expansão vital um homem saudável e forte, capaz de uma atividade sem repouso, bem integrada na sociedade do seu tempo.

Do Romantismo, todavia, ele teve outro traço bem característico, antecipando a transição da primeira para a segunda fase desse movimento, isto é, o dualismo da sua personalidade oscilando entre sensualismo e misticismo. É m traço que o aproxima da "sacapiagliatura" milanesa.

O traço sensualista fez dele um fascinante galanteador, o traço místico fez com que nos últimos anos ele pronunciasse os votos menores e se ornasse abade.

A música de Liszt apresenta o mesmo dualismo: idealidade mística das concepções e procura constante da sensualidade do som.

Dele diz Schering que o som do piano bastava para despertar nele as faculdades criativas e que a sensualidade do som o inebriava.

Esse aprofundamento da sensualidade do som e de todos os seus matizes, principalmente no piano faz com que Liszt possa ser considerado um antecipador do Impressionismo.

Em Liszt precisamos considerar inúmeras facetas, a saber:

1. o pianista criador de uma nova técnica e de uma nova visão do teclado. Se Chopin é

o poeta do piano Liszt procura fazer do piano quase um substituto da orquestra, ora delicada e flexível, ora poderosa, com sabor de instrumentos de metal;

2 - o compositor de obras pianísticas destinadas a éater, a maravilhar com as dificuldades de uma técnica transcendental, quer no mecanismo quer na variedade da cor sonora. Nisto é sensível a influência de Paganini que, com a sua virtuosidade violinística, já havia influenciado a técnica orquestral, de Berlioz.

São composições bastante concentradas e de não longa duração, relativamente superficiais e fadadas portanto a mostrar mais o executante que o criador.

A esse gênero pertencem as Rapsódias Húngaras, que na verdade deveriam se chamar rapsódias ciganas pois que nelas Liszt aproveita e desenvolve temas ciganos e não temas do folclore camponês húngaro..

Vamos ouvir a Rapsódia nº 11 na interpretação do pianista rumeno Florent Barbalat.

Observe-se que no início o piano imita o som do zimbalon cigano, instrumento feito de cordas percutidas com maçanetas de feltro que propiciam a execução de um característico tremolo.

Esclareço que todas as peças pianísticas que ouviremos hoje, com excessão dos Concertos, são contidas numa coletânea histórica de long-plays que me foi doada pelo grande mestre da escola pianística napolitana e meu saudoso amigo Vincenzo Vitale.

Acontece que quando Vitale, então professor do curso de aperfeiçoamento pianístico na Academia Santa Cecilia em Roma, completou 50 anos de magistério, os discípulos, para homenageá-lo, gravaram dez long-plays; e vocês vão ver o que é uma verdadeira grande escola, e vão ouvir alunos que já têm um nível de concertistas de alto gabarito, começando pelo próprio Barbalat que toca nesse primeiro disco.

Música; Rapsódia nº 11.

Ao mesmo gênero de peças por assim dizer vistosas, pertence o Mefisto Waltz. O satanismo é uma das características românticas que se articula nas mãos de Goethe. a quem Liszt prestou homenagem também na orquestra com uma Faust Symphonie em três movimentos: Faust, Margarida e Mefistofeles.

É excusado dizer que o diabo é artisticamente o mais interessante e mesmo nessa peça pianística há entre alguns excessos de virtuosidade alguns ,momentos de sarcasmos demoníacos.

Quem toca é o napolitano Michele Campanella, um dos melhores discípulos de Vitale e hoje concertista de renome internacional.

Música Mefisto -Waltz.

Continuando as múltiplas facetas da personalidade de Liszt,, vamos enfrentar a 3ª, isto é, a das composições pianísticas menos preocupadas com a virtuosidade instrumental e mais com

a profundidade musical, as inovações harmônicas e a procura da cor do som.

A respeito da harmonia, convém dizer que muitos recursos harmônicos de Liszt tiveram grande influência sobre a genialidade harmônica de Wagner.

Aqui são presentes dois aspectos do impulso criativo de Liszt: de um lado as influências literárias e de outro a natureza.

Nenhum romântico recebeu com tamanha força as influências literárias como Liszt, devido principalmente à sua alta cultura.

Liszt é ligado de fraterna amizade com Lamartine, ponto de partida para muitas das suas composições; mas conhece profundamente Goethe, a cujo respeito já falamos, não ignora Petrarca de quem procura traduzir em música pianística alguns sonetos, e reverencia Dante a quem dedica uma grande composição pianística "Après une lecture de Dante", e uma "Dante Symphonie" em dois movimentos; Inferno e Purgatório não ousando humildemente enfrentar o Paraíso dantesco. Vamos ouvir o Soneto de Petrarca nº 104.

Quanto à natureza ela é protagonista de uma coletânea "Annes de Pélérinage".

Vamos ouvir Jogo de Águas na Villa d'Este na interpretação de Sandro de Palma, outro discípulo de Vitalle.

Vocês sabem que na Vila d'Este de Tivoli, perto de Roma, há um riquíssimo jogo de Fontanas de menor e maior volume quase formando um órgão líquido.

Esta peça deve ter sido cara a Ravel que mais tarde escreveu uma pequena obra-prima, "Jeux d'eau".

Música: Jeux d'Eau.

Do mesmo espírito naturalista são alguns dos estudos de concerto e os estudos transcendentais.

Vamos ouvir dos primeiros a Ronda dos gnomos. Toca Paulo Restani, sempre discípulo de Vitalle que, na época da gravação, tinha 12 anos de idade.

Música: Ronda dos Gnomos.

Ainda o mesmo caráter naturalista tem outro estudo intitulado "Leggerezza", título que define evidentemente um objetivo de caráter técnico, lembrando que leggerezza em italiano significa leveza.

Mas aqui também o resultado artístico perpassa o mesmo objetivo técnico. Toca com extraordinária pureza, elegância e expressividade outra discípula de Vitalle, a pianista Kiki Bernasconi, a qual infelizmente abandonou logo a carreira concertística por motivos pessoais que o próprio Vitale dizia ignorar. A meu ver esse estudo é dos melhores que Liszt escreveu.

Música: Leggerezza.

4 - O quarto enfoque da obra lizteana é o das grandes composições pianísticas de intensa ambição formal, ricas de novidades estruturais e harmônicas, que serviam de lição para muitos compositores posteriores.

Entre elas o lugar de maior destaque é representado pela Sonata em si menor. Ela apresenta a extraordinária novidade de ser um enorme primeiro tempo de Sonata que contem, sem solução de continuidade, os quatro movimentos tradicionais, aplicando o princípio círculo de temas, isto é, fazendo com que todos os temas dos quatro movimentos sejam gerados pelas mesmas células, conceito que encontrará a sua perfeita conclusão na obra de Cesar Franck.

Infelizmente não possuo uma gravação dessa sonata nem consegui comprar no limitado repertório das nossas lojas de discos.

Mas se algum gentil ouvinte possuí-la e puder me emprestar pelo próximo domingo muito ficar-lhe-ia grato.

Na verdade ela é talvez a mais perfeita das obras lizteanas, merecendo o adjetivo de genial, mesmo que Liszt, no total da sua obra não seja um gênio mas alimento de gênios, que muito dêle aprenderam.

Na obra pianística um lugar à parte ocupam os dois concertos para piano e orquestra e algumas outras composições para piano e orquestra, entre as quais a mais importante, Totentanz ou Dança dos Mortos, amplo desenvolvimento do tema eclesiástico Dies Irae.

Vamos ouvir o 1º Concerto para piano e orquestra na interpretação do pianista Van Klipburn com a orquestra da Filadélfia regida por Ormandy.

Vamos ouvir agora a Totentanz ou Dança dos Mortos à qual há pouco acenei. Observem como o tema eclesiástico do Dies Irae se transforma em múltiplas facetas no diálogo entre a orquestra e o piano. Esse último inicia a obra com uma sonoridade que pode lembrar os trombones. Toca o pianista Alexander Brailowsky com a Orquestra da RCA, sob a regência de Fritz Reiner.

Música Totentanz.

Observe-se aqui também como não haja solução de continuidade entre os quatro andamentos.

Nesse concerto há também uma curiosidade, o primeiro emprego do triangulo numa obra sinfônica.

Interessante é o caráter singular dos temas de Liszt: à diferença da temática beethoveniana fértil em possibilidades de desenvolvimento, aqui os temas são plasticamente móveis oferecendo mutáveis aspectos como enfoques diferentes de uma mesma arquitetura.

Música: Concerto em mi bemol maior.

Restarão a examinar no próximo encontro as outras facetas da personalidade de Liszt, isto é:

Quinta - O compositor das obras orquestrais e o criador do gênero orquestral do poema sinfônico.

Sexta - O harmonista precursor do desenvolvimento da linguagem musical chegando nas últimas obras à beira do atonalismo.

Sétima- O regente de orquestra, fundador com Berlioz e Wagner da moderna técnica de direção de orquestra.

De fato, ainda relativamente novo, Liszt abandona a rendosíssima carreira pianística para se tornar regente de orquestra em Weimar, oferecendo ao público a primeira execução das melhores obras dos novos compositores preparando e dirigindo inclusive várias obras de Wagner e descobrindo novos talentos, tais como Cesar Franck que ajuda até com dinheiro.

Oitava - O compositor sacro. Nesse terreno Liszt deixa dois oratórios, uma missa e várias composições corais a capella, sempre preocupado com a revitalização do canto gregoriano. A esse respeito quero acenar a uma recordação pessoal.

Quando me formei em Letras Clássicas na Universidade de Roma, discuti tese sobre um compositor da minha região a quem se intitula o conservatório da minha cidade, o abade Jacopo Tomadini, um dos maiores responsáveis pelo moto proprio de Leão XIII sobre a música sacra e um dos mais reputados gregorianistas do seu tempo.

Vasculhando os arquivos da Catedral de Cividale (18 km da minha cidade, onde Tomadini fora organista), encontrei um epistolário dele com Liszt. A ele Liszt se dirigia com toda humildade, como um discípulo para o mestre, para ter informações exatas sobre a teoria do canto gregoriano. Acrescento que o Tomadini embora solicitado pelas maiores catedrais italianas nunca quiz abandonar a sua pequena cidade de Cividale, outrora capital do reino longobardo da Itália e agora pequeno centro urbano com não mais de 30.000 habitantes.

Vamos nos despedir por ora de Liszt com o fragmento ou com o concerto nº 2 para piano e orquestra, musicalmente mais requintado e formalmente mais original do que o primeiro.

Música: Concerto nº 2 com a orquestra da Filadélfia, Van Kliburn, regente Ormandy.